doxografia e psicanálise, ou como transmitir?

Barbara Cassin

Lembram-se do que Lacan disse a propósito de "agalma", na "Proposição de 9 de outubro de 1967"? "Como todos os casos particulares que fazem o milagre grego, este só nos apresenta a caixa de Pandora fechada. Aberta, é a psicanálise, de que Alcibíades não precisava."[2]

Com a doxografia, apresentarei uma caixa de Pandora fechada e caberá a vocês abri-la, ainda que eu tente, ao final, dar-lhes mais cadeados do que chaves.

Em verdade, este título, "Doxografia e psicanálise, ou como transmitir?", foi-me sugerido pela amigável pressão de Ezequiel de Olaso, a quem contei uma boa anedota. Veremos, aliás, que toda a doxografia gira em torno da anedota. Contei-lhe que Lacan, há pouco menos de 20 anos, creio que em 1978, pediu-me que lhe falasse sobre a doxografia. Em uma manhã de domingo, eu estava no campo, e Gloria telefonou-me. Gloria era uma espécie de secretária de todo grande médico. Ora, meu tio também era um grande médico e havia sido interno na mesma época e junto com Lacan. "Não desligue, o doutor vai falar." "Alô", diz o doutor, e eu: "Oi, como vai você?", a que ele responde: "Quanta gentileza me reconhecer! Jacques Lacan." Era Jacques Lacan, a quem eu nunca havia encontrado, e não Jacques Caroli. Conto essa história para assinalar como aflorou o tema doxografia e psicanálise.

Aquele era o momento em que Lacan manipulava, em sua escrivaninha, os nós borromeanos. Um momento muito particular, em que ele procurava não fazer escola, o que ele já havia feito há muito tempo, mas, sim, o que fazer com sua escola, o que ele não parou de tentar até a dissolução dela e mesmo depois.

Como "fazer passar" a si mesmo e a psicanálise através dessa escola. E ressalto que, em francês, fazer passar (*faire passer*) quer dizer também abortar — abortar um filho. Era como se a série de dispositivos teóricos e práticos que ele havia duramente construído, todos os seus *mêkhanai* (maquinações, máquinas e maquinismos), os *Escritos*, os *Seminários*, os matemas, a Escola, o passe, os cartéis, não bastassem. Era como se ele procurasse uma outra caixa de Pandora para abrir. Lembro-lhes da conclusão do Congresso sobre a transmissão:

N.T.: Filósofa e filóloga, a autora é diretora de pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique* (C.N.R.S. - Paris) e membro da escola doutoral da Universidade de Paris IV - Sorbonne. É autora de vários livros sobre filosofia grega, retórica e sofística, alguns dos quais encontram-se traduzidos em português. O presente artigo constitui o texto de uma conferência apresentada na Argentina, em 1995, inédito.

[2] Lacan. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École, p. 251.

> Minha proposição, que instaura aquilo que chamamos de passe, ao qual confio algo que se chamaria transmissão, se houvesse uma transmissão da psicanálise. Tal como venho a pensá-la hoje, a psicanálise é intransmissível. É muito desagradável. É muito desagradável que cada psicanalista seja forçado — pois é preciso que seja forçado — a reinventar a psicanálise.[3]

[3] Lacan. Conclusions, p.219.

Eis o momento em que Lacan tinha a necessidade de que lhe falássemos da doxografia.

A "doxo-grafia", a escritura de opiniões

Creio que a primeira coisa em que Lacan se deteve foi, simplesmente, na palavra "doxografia". A palavra, não ouso dizer o significante, mas, em todo caso, a palavra.

Doxografia. Vê-se logo como é construída. "Grafia": escrever, fixar. Com a doxografia, dá-se a passagem do oral ao escrito, de uma modalidade de transmissão a outra, de uma forma de memória a outra. Mais exatamente, a passagem do entusiasmo ao arranhão. "Entusiasmo" era, para os gregos, o oral, a maneira como o deus se põe dentro,[4] transmite-se. O diálogo de Platão, o *Íon*, mostra como o oral é uma cadeia de presenças. Mas eu gostaria de valer-me simplesmente de uma citação do poema da origem, ou seja, o *Poema*, de Parmênides, para tornar isso palpável. No início do poema, lemos: "a deusa [...] me acolheu com benevolência, pegou minha mão em sua mão direita, tomou a palavra e se dirigiu a mim, assim: 'Jovem, [...] etc.'"[5] Essa é a garantia da palavra e da transmissão oral.

N.T.: Em grego, *enthousiasmós* significa, literalmente, que o deus está dentro [*en* + *theós*].

[5] Parmênides apud Diels. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, I, p. 227 et seq.

A transmissão escrita não tem como modelo o *Íon*, mas, sim, o *Fedro*[6], que vocês conhecem bem, em que o escrito é considerado como incapaz de se virar sozinho. Apenas mais uma citação de Lacan, dessa vez, para explicar o novo estatuto do entusiasmo, quando passamos a esse arranhão que é a grafia. Trata-se do "Discurso de Roma", nos *Escritos*: "Um pingo de entusiasmo num escrito é o traço mais firme que se pode deixar para que fique datado, no sentido lamentável do termo."[7] Em uma aproximação da letra como *caput mortuum* do significante,

[6] N.T.: Outro diálogo platônico.

[7] Lacan. Du sujet enfin en question. In: Lacan. *Ecrits*, p.239.

> ... a essência é que a letra pôde levar seus efeitos para dentro (aos atores do conto, incluindo o narrador), da mesma forma que para fora (a nós, leitores, e também ao nosso autor), *sem que ninguém tenha jamais se inquietado com o que ela quis dizer*. Aquilo de que se escreve é o estado ordinário.[8]

[8] Lacan. La lettre volée. In: Lacan. *Ecrits*, p.57.

Sou eu quem grifa o texto, para sublinhar que, quanto à doxografia, veremos que ninguém, efetivamente, jamais se inquietou com o que ela queria dizer.

Vimos a "grafia". Agora, vamos à "doxa", pois a doxografia é a grafia das *doxai*, a "escritura das opiniões". Com a "doxa", chegamos a uma importante palavra grega, e os "grandes" termos gregos caracterizam-se por sua ambivalência. Freud, na revisão de Benveniste, tinha razão quanto aos sentidos opostos das palavras primitivas; não se trata de contraditórios ou contrários, mas, verdadeiramente, de ambivalência.

O primeiro sentido de "doxa" é o de espera, *expectation*, aquilo a que se espera. *Dokei moi* quer dizer "parece-me" e, nas primeiras vezes em que é empregado, em Píndaro, em Homero, surge de forma paradoxal, no sentido estrito, ou seja, trata-se do que aparece *apo doxês*, "contra toda expectativa". "Doxa" é da família de *dekomai / dekhomai*, que significa receber, acolher, e *doxazô* quer dizer imaginar, pensar — donde o latim *docere*, "fazer admitir, ensinar". Em que "doxa" é, então, um termo ambivalente? Para caracterizá-la rapidamente, passemos ao alemão, que, creio, é mais fiel à sua amplitude, ainda que não baste para resumi-la. Digamos que a ambivalência variaria de *Schein* a *Erscheinung*, se nós pudéssemos compreender esses dois termos ao mesmo tempo como *a parte rei* e *a parte subjecti*. O aspecto objetivo de *Schein* constitui a "aparência enganadora", "o falso semblante". Seu aspecto subjetivo é a "conjectura", a "alucinação", o "erro", a "opinião" enquanto não fiável. Do lado *Erscheinung*, pensado em relação a um objeto, temos a "bela aparência", a força da "manifestação", sua plenitude e, quando esse objeto é alguém, louvamos sua "boa reputação", a "glória", e mesmo o "esplendor" (na tradução da Bíblia, "doxa" é o termo que serve para designar a glória de Deus). Supondo que possamos pensar *Erscheinung* "subjetivamente", seria uma "opinião verdadeira", a "opinião recebida", em suma, a opinião daqueles a respeito de quem se tem boa opinião, a opinião das pessoas convenientes ("doxa" é da família do latim *decet*, "convém", que dá o francês *décent*, decente). Tal é a amplitude desse termo, com a qual os gregos nunca cessaram de jogar. Um fragmento de Heráclito, o fragmento 28, apesar da divergência de seus intérpretes, é o que melhor espelha os valores nas coisas e nas pessoas: *Dokeontôn ho dokimôtatos gignôskei phylassein*, "o mais conhecido decide sobre as coisas reconhecidas, que ele conserva" (Bollack), "falsos semblantes que quem tem bela aparência compreende, conserva".[9]

[9] Bollack; Wismann. *Héraclite ou la séparation*, p.126. Dumont. *Les présocratiques*, p.152. Toda a dialética de Aristóteles repousa sobre esse fato, que justifica tomar por base as idéias admitidas, isto é, as opiniões fiáveis enquanto recebidas pelos homens de boa reputação: as *doxai* das *dokimôtatoi*.

Assim, o sentido de "doxa" deve ser sempre negociado com o sentido de *alêtheia*, opinião *versus* verdade, a partir de Parmênides e dos últimos versos do fragmento citado anteriormente, em que a deusa opõe "as opiniões dos mortais, nas quais não há persuasão verdadeira" ao "coração sem tremor da verdade que persuade bem" — não sem logo remodelar positivamente as *dokounta*, aparências / aparições, e a maneira como elas deveriam ser "*dokimôs* (confiáveis, se quisermos), atravessando totalmente todas as coisas". (Eu parafraseio os intraduzíveis versos 29-32 do fragmento I do *Poema* de Parmênides.)

Não é falso dizer que toda a filosofia grega persegue a negociação entre esses dois conceitos, em uma modulação dos sentidos de "doxa". Assim, um dos impactos mais flagrantes da sofística é fazer com que "doxa" e *alêtheia* não possam separar-se, ou seja, o oposto de Parmênides. Um dos fragmentos transmitidos de Górgias é mais ou menos o seguinte: "O ser é invisível (*aphanes*) se não alcança o parecer (*dokein*), e o parecer é fraco (*asthenes*) se não alcança o ser."[10] No fundo, é todo esse movimento de negociação entre *alêtheia* e "doxa" que desemboca na frase de Nietzsche, em *O crepúsculo dos deuses*: "Como o 'mundo verdade' vem a ser, enfim, uma fábula — história de um erro." "O mundo verdade", diz Nietzsche, "nós o abolimos: que mundo nos restou? O mundo das aparências, talvez?... Não! *Com o mundo verdade nós também abolimos o mundo das aparências!*"[11] Repousando sobre o fundo da história da filosofia ocidental, como se diz, e drenando inversamente o platonismo e a instauração da fenomenologia, compreendemos por que a palavra "doxografia" soava pesada aos ouvidos de Lacan, sendo digna de interesse.

[10] B 26 D.K. [Diels e Kranz], freqüentemente citado por Hannah Arendt para mostrar como a "doxa", constitutiva da cidade como "espaço das aparências", fornece o que ela chama "a solução dos gregos para a fragilidade dos assuntos humanos". (Ver, por exemplo, Arendt. La pensée. In: Arendt. La vie de l'esprit, p.40 et seq., em que comenta Merleau-Ponty: "Todo *Schein* é uma contrapartida de um *Erscheinung*.")

[11] Nietzsche. *Le crépuscule des idoles*, p.109. (grifo nosso)

Sentido demais / não bastante

Depois da palavra, a coisa: o que é a doxografia? Gostaria de propor uma primeira aproximação através de seu efeito, ou seja, por sua obra.

A doxografia é por onde nos chega boa parte da filosofia grega, praticamente toda a filosofia pré-socrática, mas também muito do epicurismo e do estoicismo. Trata-se, em um primeiro sentido, de tudo o que não é transmissão direta, mas que nos transmite partes de obras que, portanto, não podemos considerar como completamente perdidas. Podemos bem imaginar como Lacan, interessado que era por Heidegger e procurando compreender o que se passava nessa filosofia que se voltava para a origem, iria deter-se nisso, ou seja, nas fontes

através das quais nós conhecemos essa pretensa origem da filosofia.

Muito da filosofia e toda a filosofia pré-socrática. A doxografia é, portanto, algo de primeira importância. Todavia, ela é também algo radicalmente não fiável. Por razões ao mesmo tempo de contingência e de estrutura, é impossível fazer em doxografia a separação entre o fato e a ficção. Em outras palavras, não sem ela, mas nada com ela; "nada" querendo dizer que não é uma coisa que tenhamos. Com a doxografia, mergulhamos em plena modernidade nietzscheana, pois, com ela, constatamos que não existem fatos, mas, somente, interpretações e interpretações de interpretações. Aliás, Nietzsche foi contemporâneo, precisamente, do momento da filosofia alemã em que se constituiu o objeto doxográfico e foi, ele mesmo, o maior comentador de Diógenes Laércio, um dos doxógrafos "patenteados" da Grécia.

Resumirei o que disse até o momento, da seguinte maneira: com a doxografia, o problema da transmissão é colocado como um problema hermenêutico, uma questão de sentido. E o sentido não cessa de oscilar entre o não bastante e o demais. Para esclarecer, sirvo-me de duas passagens, que não são textos doxográficos, mas se aplicam perfeitamente à doxografia. O primeiro é de Flaubert, em *Bouvard et Pécuchet*:

> Eles copiam ao acaso tudo <os papéis> que encontram — maços de cigarro, jornais velhos, cartazes, livros rasgados, etc... — (pedaços verdadeiros e imitações típicas em cada gênero — idiotas). Depois sentem a necessidade de uma classificação, fazem quadros, paralelos, antitéticos como "crimes de reis e crimes do povo" — benefícios da religião, crimes da religião — belezas da história, etc... Mas às vezes ficam confusos para arrumar a coisa em seu lugar <e têm> Problemas de consciência — Vamos! nada de reflexões! vamos copiar do mesmo jeito! é preciso encher o quadro <a página> — igualdade de tudo do bem e do mal — do bem <farsa> e do mal <sublime> — do Belo e do Feio — do insignificante e do sublime <característico> Exaltação da estatística — só há Fatos — fenômenos.[12]

[12] FLAUBERT. *Bouvard et Pécuchet*, p.14.

> Alegria final e eterna
>
> [...]
>
> Findar com a visão de dois homens de bem debruçados sobre a estante e copiando.[13]

[13] Flaubert. *Bouvard et Pécuchet*, p.116.

Isso é a doxografia, por um lado. Vamos, então, encontrar o sentido. Em todo caso, supondo que ele exista, ele não pertence ao doxógrafo — "Vamos, nada de reflexões, vamos copiar do mesmo jeito!" — e tanto melhor, pois os copistas, quanto menos sabem, menos corrigem.

Mas, vejamos, por outro lado, a doxografia impregnada de sentido em demasia, como o excesso das biografias e epônimos, exacerbados por Charles Nodier:

> Tenho horror dessas ficções nada naturais, onde o nome do personagem principal indica antecipadamente o tema e o final da narrativa, sem consideração pela ilusão, que lhe confere todo o encanto.
>
> Que interesse posso ter pela morte de um Hipólito, pelos infortúnios de Édipo e pelos combates de Diomedes, quando estou bem advertido de que o primeiro perecerá vítima de seus cavalos furiosos, que os pés inchados do segundo terão sido atravessados na primeira infância por uma correia sangrenta e que o terceiro está nominalmente predestinado a triunfar sobre os próprios deuses? [...] Não tenho objeção a fazer a Nícias porque parece que em razão de seu nome foi alçado ao comando da guerra da Sicília. [...] Mas que crítico judicioso será crédulo o bastante para aceitar a individualidade de um escritor conciso, quase enigmático, cuja arte é ocultar muitas idéias sob poucas palavras, que se chamaria Tácito? [...] Invenções de estudiosos indolentes que se curvaram sabiamente aos ossos do ofício compondo clássicos latinos para uso da posteridade ignorante.[14]

[14] Nodier. *Histoire du Roi de Bohème et de ses sept châteaux*, p.47-50.

De que é constituído exatamente esse objeto paradoxal que é a doxografia? No fundo, a doxografia é um cafarnaum[15] — é sua primeira e talvez melhor definição. São apenas partes, fragmentos, citações, trechos de obras encerrados em um todo estranho: *placita*, pedaços escolhidos. O material doxográfico é infinitamente variado, desde os dicionários — como o *Souda*, dicionário que, por muito tempo, tomamos por um homem

[15] N.T.: Cafarnaum, em sentido figurado, quer dizer "lugar de desordem ou tumulto; lugar em que se amontoam confusamente muitos objetos; montão de objetos ou utensílios". (Enciclopédia Brasileira Mérito, v. 4, p.181.)

chamado Suidas — e outros léxicos, manuais retóricos ou tratados de estilo, todos ricos em exemplos, até os resumos, comentários paralelos ou críticos, como os de Simplício, tecidos de citações e comparações, passando pelas biografias, essas vidas plenas de frases espirituosas, de anedotas e compilações parafrásticas. Todo esse cafarnaum tem como traço comum a inserção de corpos estranhos exemplares em uma totalidade que não tem como finalidade a transmissão pura e simples.

Os pais originários da doxografia assim entendida são, sem dúvida, Platão e Aristóteles. Em Platão e Aristóteles, fica claro que aquilo que se pode contar sobre os autores do passado serve a outros fins, também filosóficos. Em *O sofista*, por exemplo, Platão fala das Musas da Jônia e da Sicília, fazendo a primeira doxografia, no seguinte modelo: "Um diz que…, outro diz que…, mas, aqui, os eleatas procedentes de Xenófanes dizem que…" — ou seja, Platão serve-se de todas as disparidades para mostrar que o ser, se conhecido, é o mais aporético dos gêneros.

Aristóteles é o segundo pai da doxografia. Ele reestrutura todas as opiniões de seus predecessores e começa suas obras por uma opinião aporética da qual explora, pouco a pouco, uma por uma, como no início da *Física*, todas as divergências e dificuldades. (Um ou vários princípios? pensados como imóveis ou em movimento?) Ele as utiliza como espécie de alavanca na qual assenta seu objetivo, apoiando-se nele para mostrar, por exemplo, que existe uma pluralidade de seres em movimento.

É assim que tanto Platão como Aristóteles inserem as opiniões de outros em suas próprias obras. Ao final do movimento doxográfico, o que vigorará, de maneira análoga, mas com uma extensão completamente diferente, é a obra filosófica, que insere ainda mais desses trechos por necessidade interna. É o que encontramos na obra de Sextus Empiricus, o cético. Pois um cético deve lançar mão de todos os meios para demonstrar a *isosthenia*, isto é, a força igual das opiniões — esta não mais que a outra, não mais assim que do outro modo — a fim de concluir pela suspensão do julgamento. Assim, uma certa verdade filosófica da doxografia encerra-se, sem dúvida, no ceticismo.

As *Doxographi Græci* ou a citação generalizada

Um cafarnaum, portanto. Mas somente em um sentido, porque a doxografia constitui, também, um gênero totalmente à parte. De fato, há quem se diga, e a quem chamamos, doxógrafo. Não dizemos que Platão era um doxógrafo, tampouco Aristóteles ou Sextus Empiricus, mesmo que existam partes doxográficas

em suas obras. Por outro lado, há certos autores que qualificamos tradicionalmente de doxógrafos — mas, atenção, que eu mesma desconfio disso, e perceberão logo porquê.

Os doxógrafos são aqueles que quiseram, em princípio, fazer uma obra doxográfica e tão somente isso. Não filosofar em seu próprio nome, mas, sim, recolher, organizar e transmitir informações concernentes à filosofia. O problema, evidentemente, é fazer a partilha entre a doxografia como fonte, catálogo, informação objetiva, e a doxografia como tipo de obra, como maneira de informar a informação, como deformação. Como compreender a que interesse obedecem a classificação e a seleção, como detectar o princípio organizador da obra doxográfica?

O fundador da doxografia como gênero — diz-se, *phêsin*, é um verbo, uma forma, uma frase doxográfica — diz-se que é Teofrasto, sucessor de Aristóteles, à frente do Liceu. Isso porque geralmente se supõe que a (de)formação das informações é do tipo aristotelizante. Mas, essa frase é, em si, ainda mais doxográfica que a obra de Teofrasto, considerada a primeira obra doxográfica, as *Phusikôn doxai*, *As Opiniões dos Físicos* (ou dos naturalistas, dos filósofos da natureza), e que foi perdida. Que perda paradigmática! Por quê? Porque a doxografia, enquanto gênero totalmente à parte, é sobretudo um artefato filológico.

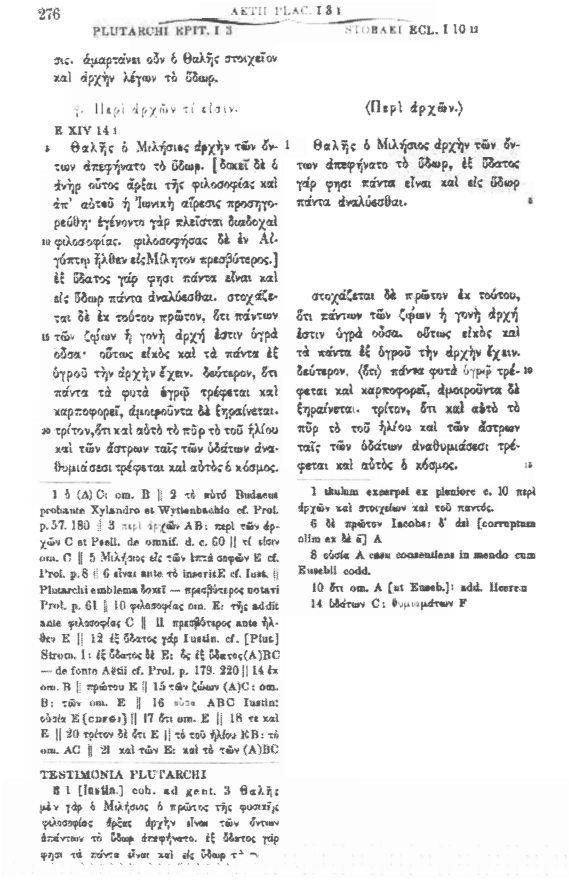
De fato, a doxografia, tal como a entendemos, resume-se ao nome de um autor, Hermann Diels. E a um livro, as *Doxographi Græci*, publicado em Berlim, em 1879 (ver figura na página seguinte).[16]

Sim, é grego. Mas no momento pouco importa que compreendam ou não, pois o que nos interessa nessas páginas é sua estrutura, com duas colunas paralelas e um nome embaixo de cada coluna: Plutarco, Estobeu. A doxografia constitui-se visivelmente de uma aproximação entre vários textos, de onde nos cabe extrair as semelhanças. Uma rápida observação: falei "Plutarco", mas a coisa continua, pois não se trata de Plutarco, mas de um Pseudo-Plutarco. Não é mencionado quem é nem quando foi escrito.[17] Quanto à outra coluna, é mesmo de Estobeu (que viveu no século IV d.C.), mas, dessa vez, é o título do capítulo das *Eglogæ physicæ* que está entre colchetes: *<Peri arkhôn>*, "Sobre os princípios". O título encontra-se entre colchetes porque foi acrescentado para fazer par com o que temos do autor e que não temos de fato. (*Peri arkhôn ti eisin*, "Sobre os princípios, quais eles são".)

As duas colunas são unidas no alto de cada página por uma chave, encimada pela simples menção de um título e um

[16] Diels. *Doxographi Graeci*, p.276-277.

[17] Cf. Diels. Prolegomènes. In: Diels. *Doxographi Graeci*, p.1-40. Não há dúvida de que esse *Epitomeu*, "L'abregé des opinions", data do século II d.C. Que "Plutarco" usurpa o nome do mui nobre autor, vê-se também nos *Stromates*, por um certo sintoma: o hiato. "O arranjo da matéria e o corrupto da forma, que se percebe sobretudo na freqüência do hiato, trazem os mais evidentes indícios da fraude." (Diels. Prolegomènes. In: Diels. *Doxographi Graeci*, p.156. A tradução para o francês é da autora.)



276 AETII PLAC. I 3 1

PLUTARCHI EPIT. I 3 STOBAEI ECL. I 10 12

στις. ἀμαρτάνει οὖν ὁ Θαλῆς στοιχεῖον καὶ ἀρχὴν λέγων τὸ ὕδωρ.

γ. Περὶ ἀρχῶν τί εἰσιν. ⟨Περὶ ἀρχῶν.⟩

E XIV 14 1

Θαλῆς ὁ Μιλήσιος ἀρχὴν τῶν ὄντων ἀπεφήνατο τὸ ὕδωρ. [δοκεῖ δὲ ὁ ἀνὴρ οὗτος ἄρξαι τῆς φιλοσοφίας καὶ ἀπ' αὐτοῦ ἡ Ἰωνικὴ αἵρεσις προσηγορεύθη· ἐγένοντο γὰρ πλεῖσται διαδοχαὶ φιλοσοφίας. φιλοσοφήσας δὲ ἐν Αἰγύπτῳ ἦλθεν εἰς Μίλητον πρεσβύτερος.] ἐξ ὕδατος γάρ φησι πάντα εἶναι καὶ εἰς ὕδωρ πάντα ἀναλύεσθαι. στοιχάζεται δὲ ἐκ τούτου πρῶτον, ὅτι πάντων τῶν ζῴων ἡ γονὴ ἀρχή ἐστιν ὑγρὰ οὖσα· οὕτως εἰκὸς καὶ τὰ πάντα ἐξ ὑγροῦ τὴν ἀρχὴν ἔχειν. δεύτερον, ὅτι πάντα τὰ φυτὰ ὑγρῷ τρέφεται καὶ καρποφορεῖ, ἀμοιροῦντα δὲ ξηραίνεται. τρίτον, ὅτι καὶ αὐτὸ τὸ πῦρ τὸ τοῦ ἡλίου καὶ τῶν ἄστρων ταῖς τῶν ὑδάτων ἀναθυμιάσεσι τρέφεται καὶ αὐτὸς ὁ κόσμος.

Θαλῆς ὁ Μιλήσιος ἀρχὴν τῶν ὄντων ἀπεφήνατο τὸ ὕδωρ, ἐξ ὕδατος γάρ φησι πάντα εἶναι καὶ εἰς ὕδωρ πάντα ἀναλύεσθαι.

στοιχάζεται δὲ πρῶτον ἐκ τούτου, ὅτι πάντων τῶν ζῳῶν ἡ γονὴ ἀρχή ἐστιν ὑγρὰ οὖσα. οὕτως εἰκὸς καὶ τὰ πάντα ἐξ ὑγροῦ τὴν ἀρχὴν ἔχειν. δεύτερον, ⟨ὅτι⟩ πάντα φυτὰ ὑγρῷ τρέφεται καὶ καρποφορεῖ, ἀμοιροῦντα δὲ ξηραίνεται. τρίτον, ὅτι καὶ αὐτὸ τὸ πῦρ τὸ τοῦ ἡλίου καὶ τῶν ἄστρων ταῖς τῶν ὑδάτων ἀναθυμιάσεσι τρέφεται καὶ αὐτὸς ὁ κόσμος.

1 ὁ (A) C: om. B ‖ 2 τὸ κυρὸ Budaeus probante Xylandro et Wyttenbachio cf. Prol. p. 57. 180 ‖ 3 περὶ ἀρχῶν AB: περὶ τῶν ἀρχῶν C et Psell. de omnif. d. c. 60 ‖ τί εἰσιν om. C ‖ 5 Μιλήσιος εἰς τῶν ἑπτὰ σοφῶν E cf. Prol. p. 8 ‖ 6 εἶναι ante τὸ inserit E cf. Iust. ‖ Plutarchi emblema δοκεῖ — πρεσβύτερος notavi Prol. p. 61 ‖ 10 φιλοσοφίας om. E: τῆς addit ante φιλοσοφίας C ‖ 11 πρεσβύτερος ante ἦλθεν E ‖ 12 ἐξ ὕδατος γάρ Iustin. cf. [Plut] Strom. 1: ἐξ ὕδατος δὲ E: ὃς ἐξ ὕδατος(A)BC — de fonte Aëtii cf. Prol. p. 179. 220 ‖ 14 ἐκ om. B ‖ πρώτου E ‖ 15 τῶν ζώων (A)C: om. B: τῶν om. E ‖ 16 οὖσα ABC Iustin: οὐσία E(corr) ‖ 17 ὅτι om. E ‖ 18 τε καὶ E ‖ 20 τρίτον δὲ ὅτι E ‖ τὸ τοῦ ἡλίου EB: τὸ om. AC ‖ 21 καὶ τῶν E: καὶ τὸ τῶν (A)BC

1 ὑλικὸν excerpsi ex pleniore c. 10 περὶ ἀρχῶν καὶ στοιχείων καὶ τοῦ παντός.

6 δὲ πρῶτον Iacobs: δ' ἀπὸ [corruptum olim ex δὲ ā] A

8 οὐσία A casu consentiens in mendo cum Eusebii codd.

10 ὅτι om. A [ut Euseb.]: add. Heeren

14 ὑδάτων C: θυμιαμάτων F

TESTIMONIA PLUTARCHI

E 1 [Iustin.] coh. ad gent. 3 Θαλῆς μὲν γάρ ὁ Μιλήσιος ὁ πρῶτος τῆς φυσικῆς φιλοσοφίας ἄρξας ἀρχὴν εἶναι τῶν ὄντων ἁπάντων τὸ ὕδωρ ἀπεφήνατο. ἐξ ὕδατος γάρ φησι τὰ πάντα εἶναι καὶ εἰς ὕδωρ τ[illegible]

FIG. 1

nome: *Aetii Placita*. A chave está lá para dar a entender que as semelhanças entre Plutarco e Estobeu permitem reconstituir, de direito, senão de fato, um texto-fonte, o texto de Etius, que ambos teriam lido e plagiado com dois séculos de distância. Afinal, o ponto de concordância entre Plutarco e Estobeu, o que resta de Etius, só aparece como um branco entre duas colunas paralelas e um nome fora do texto. Pois ninguém sabe quem é Etius. Não somente seu texto foi perdido, mas encontramos seu nome mencionado apenas uma vez, por Théodoret.[18] Etius é um desconhecido, não muito mais que

[18] DIELS. Prolegomènes. In: DIELS. *Doxographi Graeci*, p.45 et seq.

uma hipótese de Diels. Mas entendem o que Etius quer dizer? *Etius*, de *aitia*, a "causa". Impossível não ouvir a risada de Charles Nodier. Ninguém acredita em um escritor que se chama Tácito e que se cala. Vocês acreditam em um escrevente chamado Etius e que é a causa de vários textos e a principal fonte de nossos pré-socráticos? Quanto ao texto mesmo de suas *Placita*, ninguém o tem, e o que permite falar dele é, sobretudo, uma série de operações dignas do cirurgião, do detetive e do moralista. Diels imagina sua forma depois de haver coligido seus membros luxados e mal aglutinados para reduzi-los à ordem correta, contando com a preguiça dos copistas e deduzindo as fraudes e os artifícios monótonos dos compiladores.[19]

Mas a problemática das fontes é desesperadamente inestancável, e Diels as persegue nadando contra a maré. As *Placita*, que datamos do primeiro século d.C., a partir de novas concordâncias, são apenas os vestígios de um texto ainda mais perdido: as *Vetusta Placita*, escritas no primeiro século a.C., na época de Posidônio e do Pórtico Médio, das quais só podemos dizer que também se foram. Resta ainda procurar a fonte das *Vetusta Placita*, o que requer, segundo o próprio Diels, um procedimento de pesquisador de fontes e feiticeiro[20] — de "fontiçaria".[21] Assim, o filólogo consegue unir Teofrasto, a quem ele chama tão belamente de "primeiros lábios", e o texto originário da doxografia como gênero, as *Opiniões dos Físicos*, que, inspirando-se em seu divino mestre e por falta de continuar a pensar, Teofrasto teria guardado para o bom uso das gerações futuras. Trata-se, portanto, de um texto original evidentemente perdido e modelado por Diels como uma obra única, seguindo seu mestre Usener, a despeito da diversidade dos títulos transmitidos.[22]

Teofrasto é o primeiro escritor doxográfico, mas, nem por isso, ele é o fim do percurso de Diels, pois, para este, a doxografia não é o fim da doxografia. As *Doxographi Græci*, de 1879, são o meio ou o instrumento de uma compilação ainda mais próxima da origem: os *Fragmentos dos pré-socráticos* (*Fragmente der Vorsokratiker*), publicada por Diels em 1905 e que constitui, ainda hoje, nossa bíblia pré-socrática. As duas reconstruções encaixam-se perfeitamente. Por exemplo: da página acima, que compara passagens concernentes às opiniões de Tales, pode-se extrair, para além da reconstituição da frase e da sistemática teofrastianas, o que Tales deve ter dito, o que ele realmente disse. E os *Fragmentos dos pré-socráticos* contêm essas reconstituições em um capítulo, "Tales", em que podemos distinguir os "Fragmentos A", que remetem aos testemunhos, e

[19] Diels. Prolegomènes. In: Diels. *Doxographi Græci*, p.69.

[20] N.T.: No original: *sourcier et sorcier*, gerando o neologismo *sourcellerie*.

[21] "Quanto mais remontamos da época dos compiladores às próprias fontes, mais difícil se torna a questão, e mais cheia de dúvidas. De Plutarco e Estobeu, passamos justificadamente a Etius, e depois, por conjectura provável, separamos os antigos *Placita* do montão restante de extratos. Mas se quisermos prosseguir agora, é preciso ter em mente, com a maior atenção, que o fogo da adivinhação não nos condena a essa margem que dizemos ser habitada pelos sonhos." (Diels. Prolegomènes. In: Diels. *Doxographi Graeci*, p.214.)

[22] A lista de obras de Teofrasto, em suas diferentes versões, ocupa várias páginas das *Vidas*, de Diógenes Laércio (V, 42-50), mas a única obra dele que nos chegou "diretamente" é um fragmento de uma delas, destacada desde a época alexandrina: os 91 parágrafos do *Tratado das sensações*. A unidade dos *Phusikôn* ou *Phusicai doxai* configura-se somente através da reconstituição Diels-Usener.

os "Fragmentos B", em que encontramos os ditos literais de Tales, ou seja, as citações certificadas, exatas, do grande pré-socrático em pessoa.

Assim se constitui, para nós, a arquitetura da filosofia pré-socrática. É a construção-modelo para o conhecimento de todas as obras perdidas, isto é, reencontradas.

É preciso entender que a doxografia funciona de perda em perda. Como boa *peau de chagrin*[23], vai perdendo tudo aquilo que faz diferença, para chegar a firmar uma identidade. É função da "fontiçaria" compor a cadeia divinatória: Plutarco / Estobeu: "Etius: "*Vetusta Placita*: "Teofrasto"". Nós temos, de fato, apenas Plutarco e Estobeu, que, por sua vez, retomaram Etius, que retomou as *Vetusta Placita*, que se inspiraram talvez em Teofrasto. E eis que Teofrasto citava Tales. Tudo funciona como se o aparecimento de um novo elo marcasse, no mesmo instante, a perda do precedente. Como dizia Borges, "a forma moderna do fantástico é a erudição".

É preciso entender também, e a ligação é evidente, que o ideal de Diels, o ideal da doxografia que ele fabrica, é a figura do copista. Ou seja, o modelo é sempre a exatidão da repetição. Para Diels, enquanto filólogo, a doxografia é uma repetição de informações cujo valor é, exatamente como o do manuscrito, aproximar-se da origem, mantendo a neutralidade ou o apagamento dos intermediários.

Seu fim último é, portanto, a extração das citações. Ora, o horror é que a citação é inassinável. Como fazer para colocar as aspas? Não existem aspas em grego, certamente porque não havia um editor gráfico Guillaume para colocá-las (Guillaume, epônimo de *guillemets*[24]), mas, mais radicalmente ainda, devido aos costumes antigos com relação a citações. A rigor, citação é uma apropriação, e a frase citada — se é que ainda podemos dizê-lo — é modificável, pode ser recortada e suturada à vontade, para que a sintaxe, quando não o sentido, se ajuste ao contexto que impõe a lei do mais forte.

Diels decidiu colocar aspas *nominatim*[25], onde o nome aparece. Mas, pensando bem, a única certeza, local, é invertida: onde o nome aparece, não aparecem as aspas. *Nominatim*: quando lemos nas *Doxographi Græci* "Teofrasto diz que...", ou "tal como parece a Teofrasto", ou, nos *Fragmentos dos pré-socráticos*, "Tales afirma que...", sabemos que algumas palavras não são nem de Teofrasto nem de Tales, a menos que tenham tido, de tempos em tempos, uma escritura a la César. Resumindo, é Diels quem decide. Nessas duas obras, a diferença na impressão das letras (dispostas com maior ou menor

[23] N.T.: Referência ao livro de Balzac, em que *peau de chagrin*, geralmente traduzido como "pele de asno selvagem", é um talismã com o poder de realizar desejos. No entanto, a cada realização de desejo a pele vai encolhendo e, na mesma medida, vai-se encurtando a vida de quem teve o desejo realizado.

[24] N.T.: *Guillemets* quer dizer aspas.

[25] Cf. Diels. Prolegomènes. In: Diels. *Doxographi Græci*, p.132.

proximidade) compromete toda a história da filosofia. Ou seja, onde a passagem é cunhada em caracteres mais próximos, estão os erros, as interpretações tendenciosas, tardias, que são, também, glosas dos citadores. Em contrapartida, as bruscas irrupções de caracteres cunhados distantes uns dos outros são equivalentes às aspas e indicam as citações. O Diels das *Doxographi* simplesmente o confessa: toda passagem admirável (*quanta est rerum gravitas, ordinis concinnitas, iudicii sagacitas*) cheira logo a Teofrasto. (*nec fieri potest quin illico Theophrasti quasi quendam saporem sentias.*[26]) Assim, o único critério da origem é a excelência. O único critério de excelência é o julgamento de Diels. E, quem sabe, o julgamento de Diels é, em suma, o das coisas admiráveis.

Assim, a doxografia é o objeto filológico que responde ao ideal de uma transmissão integral por meio da repetição pura. O doxógrafo ideal não se distingue do copista ideal, que nunca é mais que um perfeito impressor, que tem por máquina uma mão adequada. Diante disso, basta ao filólogo ser um simples leitor, e nem sequer precisa ser míope ou ruminante, como o queria Nietzsche.

A mudança de mão produz uma cópia, a retomada doxográfica produz uma citação. Contudo, na transmissão efetiva, a letra é falível, e a citação é inexata, talvez nula. A doxografia construída por Diels é uma fantasia, uma ficção. Esse é o preço da vontade de se apropriar da origem, Teofrasto ou Tales, primeiros lábios.

O fato como reificação do sentido

A favor de Diels, é preciso reconhecer que é a própria doxografia que induz por si mesma a esse tipo de equívoco. É verdade que ela se apresenta como uma coletânea, um tesouro em que tudo é consignado e conservado para a posteridade. Isso é particularmente perceptível no maior monumento doxográfico conservado, que é Diógenes Laércio. Para organizar as idéias, digamos que a doxografia apresenta dois grandes modelos: o reconstruído por Diels, que remete a Teofrasto e concerne essencialmente aos dizeres, às teses e aos sistemas — às "opiniões", grandes fornecedores de fragmentos B; e a tendência biográfica, que trata principalmente das "vidas", fornecedor por excelência de fragmentos A. Ou temos os testemunhos (mas filtrando sempre as opiniões), cujo exemplo mais brilhante é Diógenes Laércio.

Da mesma forma que com Diels, com quem aprendemos o que é uma citação, ou muito mais o que ela não é, com

[26] "Como é grande a capacidade de medir o peso das coisas, a elegância da disposição, a sagacidade do julgamento, nem pode acontecer que não sintas logo como que um certo sabor de Teofrasto."
(Diels. "Prolegomènes". In: Diels. *Doxographi Graeci*, p.163. Tradução do latim: Frei Sérgio Lobo de Moura.)

Diógenes Laércio, aprendemos o que é um fato, um fato doxográfico. Tal como uma citação, ele também é uma ficção significante e, mais exatamente, a reificação de um sentido.

Diógenes Laércio é sempre censurado por não pensar, por deter-se em anedotas e frases espirituosas. Assim, o prefaciador e tradutor de Diógenes Laércio, Robert Genaille — muito ruim, mas é ele quem ainda está em vigor na França — permite-se apresentar a obra da seguinte maneira:

> [A obra de Diógenes Laércio apresenta] uma falta de proporção e de regularidade. Em cada biografia, não há uma dosagem justa entre o estudo da vida, a vida das idéias, e a recorrência de frases espirituosas... O lugar preponderante é dado às anedotas que, juntamente com as frases de espírito, dão o essencial da biografia dos Sete Sábios, que não podemos criticar porque tudo o que sabemos deles é legendário. Mas elas têm também um lugar privilegiado no estudo dos cirenaicos, dos cínicos e dos céticos, filósofos cujas idéias nos interessariam mais.[27]

[27] Genaille. Préface. In: Laërce. *Vies, doctrines et sentences des philosophes illustres*, tomo I, p.16.

Em contrapartida, Lacan escreve, em "Situation de la psychanalyse", em 1956: "A anedota, tanto aqui como em outro lugar, dissimula a estrutura."[28] Evidentemente, é preciso compreender Diógenes Laércio à moda de Lacan.

[28] Lacan. *Écrits*, p.474.

Tomemos, por exemplo, a vida de Tales, de quem a página de Diels nos fornece as citações. Diógenes Laércio nos fala de sua vida. Não há um traço sequer de anedota que não seja ficção significante, ou seja, deve ser entendida realmente como o relato de um sonho. Consta que Tales não é outro senão o sujeito da enunciação "água". "Ele supunha que o princípio de todas as coisas era a água."[29] Por isso, rendiam homenagem a Tales com todos os objetos preciosos encontrados na água. Assim, um tamborete, por exemplo, içado nas redes de pescadores milésios, foi passado de mão em mão até chegar a ele como seu único destinatário possível. Conhecemos também a história que diz que Tales saiu de sua casa para contemplar os astros — para ver se ia chover — e caiu em um buraco, o famoso poço do *Teeteto* de Platão. Enquanto isso, a serva trácia, às gargalhadas, com as mãos nas cadeiras, olhava de cima o filósofo, que não sabia onde colocar os pés.[30] E sabem como ele se vingou? Vingou-se inventando o capitalismo: comprou todas as prensas de azeitonas, fora da estação, porque sabia que haveria uma grande seca e teriam necessidade de muitas prensas ao mesmo tempo. Como ele conhecia a previsão do

[29] Laërce. *Vies, doctrines et sentences des philosophes illustres*, tomo I, p.27.

[30] Cf. Laërce. *Vies, doctrines et sentences des philosophes illustres*, tomo I, p.27-28.

tempo e sabia que não ia chover, alugou posteriormente as prensas pelo preço que quis. Ganhou dinheiro com a meteorologia e com a higrometria.

E sabem como ele morreu? Morreu de fraqueza, assistindo aos jogos gímnicos, porque estava com muita sede. Concluo que o nome de Tales é a ondulação doxográfica na superfície da água. Podemos dizer, se possível, que é puro nome, como "Deus", ou que se torna substantivo comum, perdendo a capacidade de identificar — de identificar apenas um — com certeza. É ao mesmo tempo normal e digno de nota que todas as doxografias, todas as vidas compostas por Diógenes Laércio, terminem com uma lista de homônimos. Se a vida de Lacan por Roudinesco terminasse com uma lista de homônimos, ela poderia rivalizar com a doxografia.

Vimos então o que é uma anedota. O mesmo se aplica a tudo aquilo que nosso bravo prefaciador pode desaprovar: falta de espírito crítico, não procurar onde está a verdade, contentar-se em justapor, sem qualquer escrúpulo, tradições heterogêneas e contraditórias — Fulano diz que Xenófanes é o filho de Sicrano, mas, segundo Sicrano, ele é filho de Beltrano, nascido antes de Parmênides, depois de Parmênides etc. Pois tudo isso implica a cada vez uma interpretação da filiação, como, por exemplo, uma certa relação doutrinal com o eleatismo. O fato, a data de nascimento, não é um fato, mas o resto de uma operação complexa: a reificação de um sentido. Não se deve tratá-lo cronologicamente, historicamente, positivamente, mas entendê-lo como uma ficção, uma interpretação, e até como uma interpretação de interpretação, e interpretá-lo. Assim, as diferentes versões de uma mesma vida ou de uma mesma doutrina, tanto dentro de um mesmo texto como de texto a texto, não são avatares inerentes à perda de informação e lapsos dos desatentos, mas devem ser tomadas como avatar e lapso para os sintomas que eles são. Não há uma linha sequer em toda a doxografia que não deva ser lida sob essa ótica.

Para finalizar sobre a doxografia e passar a Lacan, a definição mais justa da doxografia parece-me ser a de um processo de citação generalizada. O verbo doxográfico por excelência, como observei de passagem, é *phêsin*, "diz-se, dizem que", Fulano diz que..., ou dizemos. Ora, a raiz do verbo *phanai* é *bha-*, que designa, como diz Benveniste, "especificamente a palavra como independente de quem a profere, não enquanto o que ela significa, mas enquanto palavra que existe".[31] Diferentemente de *legein*, por exemplo, que quer dizer "querer dizer", *phanai* cola o sujeito falante e a intenção

[31] Benveniste. *Vocabulaire des instituitions indo-européennes*, tomo II, p.133.

significante, para não deixar subsistir mais do que a "repetição da fórmula". É o verbo que permite escrever a palavra falada, apagando dupla ou múltiplas enunciações, ou seja, a do doxografante e a do doxografado — ou da cadeia de doxografados — atrás da identidade literal do enunciado. Reencontramos o enunciado escrito em uma escritura órfã, tal qual descrita no *Fedro*[32]: escrito cuja filiação desapareceu, que não tem outra garantia ou fiador além de si mesmo.

[32] N.T.: Diálogo de Platão.

Trata-se de uma citação generalizada, posto que todo sujeito, presente ou não, dela se abstém virtualmente: é o dizer, na medida em que há tudo para ser escrito, porque o sujeito não está lá. A citação, *phêsin*, "diz ele", funciona como um *ersatz* da formalização, como substituto de uma escritura formal.

Mas a verdade não é tampouco sustentada por ninguém. O sentido original não está disponível na letra, mas também não está disponível em nenhum outro lugar. Por isso, a citação é para ser transmitida literalmente: ela não vale nada, mas nada jamais a valerá. As duas características da doxografia, a pretensão à exatidão literal e a manipulação do sentido ao infinito, estão, assim, asseguradas em sua fundação simultânea. Para mim, essa é a palavra final da doxografia.

Transmissão – fixão

Para terminar, tento sugerir, de maneira um pouco mais ordenada do que as breves incursões lacanóides esboçadas ao longo desta exposição, como refletir para entreabrir essa caixa de Pandora. Reagruparei as pistas em duas séries que se unem em um ponto, já entendido como capital: a ficção. Vamos escrevê-lo agora com x, fixão, como Lacan, em "L'Étourdit". Essas duas séries reunidas sob o nome de fixão são, por um lado, o estatuto do fato e da verdade e, por outro, o estatuto do ensino.

Comecemos pelo ensino. Perguntemos, a partir da doxografia, o que é uma Escola, a "École Freudienne de Paris". E tomemos em contraponto, para nos auxiliar, a descrição das Escolas feita por Diógenes Laércio em sua "Introdução".

École Freudienne de Paris. "Freudiana", o mestre tem um mestre; "de Paris", o lugar opõe-se a outros lugares. Que seja o lugar: Paris. Trata-se, para Lacan, de divulgar a diferença entre a linhagem francesa e a obediência anglófona, diferença explicitada no preâmbulo (publicado depois do "Ato de Fundação", no *Annuaire* de 1977). Da mesma forma, Diógenes Laércio distingue, já no início, duas linhagens a partir do lugar: a linhagem jônica e a linhagem itálica. Ora, essas linhagens só adquirem existência ou sentido com relação a seus mestres.

Passemos então ao mestre. Cito "Encore", de uma violência rara: "Marx e Lênin, Freud e Lacan, não são parelhas no ser. É pela letra que eles acharam no Outro que, como seres de saber, eles procedem dois a dois num Outro suposto."[33] Agora, Diógenes Laércio: "Quanto à filosofia, ela se subdivide em duas linhagens, uma vindo de Anaximandro e outra de Pitágoras. O mestre do primeiro foi Tales, o de Pitágoras foi Ferecides."[34] Observemos: fala-se de Anaximandro e de Pitágoras, mas cada um teve um mestre. Diógenes prossegue: "A primeira linhagem foi chamada jônica porque Tales, que foi mestre de Anaximandro, era jônico de Mileto, a outra, itálica, por causa de Pitágoras, porque a maior parte de sua atividade se fez na Itália."[35] Notemos, na seqüência de acontecimentos ("École lacanienne?"), que a linhagem itálica é nomeada em virtude do discípulo (Pitágoras e seu lugar, Itália) e não do professor (Ferecides).

A identidade desses *topoi* tem por função sublinhar que a origem de uma escola é, ao mesmo tempo, uma ficção de origem. Como diz Lacan, na "Proposição de 9 de outubro de 1967", a propósito do artigo de Mannoni e da "análise original": "A verdadeira original só pode ser a segunda, por constituir a repetição que torna a primeira um ato, pois é ela que introduz o só-depois próprio do tempo lógico..."[36]

Segunda questão: o que se transmite em uma escola? o que é que se passa? É preciso voltar ao que foi dito acima sobre a citação para refletirmos sobre a oscilação entre citação literal e matema.

No que concerne à citação literal, Milner, em seu livro *L'œuvre claire* (*A obra clara*)[37], propõe o termo *logion* para designar uma proposição transmissível marcada por sua sintaxe o mais simples possível e por sua recorrência, por exemplo: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Isso é Lacan, talvez isso seja o próprio Lacan. Da mesma forma, Tales é "tudo é água". Parmênides é "tudo é um". Protágoras é "o homem é a medida de todas as coisas". Assim, a citação literal surge do bem dizer, na medida em que este passa à posteridade.

O *logion* é substituído pelo matema — é o que Milner chama de "segundo classicismo lacaniano".[38] Em "Encore", vemos: "A formalização matemática é nosso fim, nosso ideal. Por quê? Porque só ela é matema, quer dizer, capaz de se transmitir integralmente."[39] Essa vibração entre citação literal e matema encontra seu ponto máximo de oscilação em "L'Étourdit". Cito uma frase de "L´Étourdit", sempre assustadoramente difícil, em que aparece justamente o termo

[33] Lacan. *Encore*, p.89. (N.T.: Versão portuguesa de M.D. Magno, p.132.)

[34] Laërce. Introduction. In: Laërce. *Vies, doctrines et sentences des philosophes illustres*, tomo I, p.43.

[35] Laërce. Introduction, In: Laërce. *Vies, doctrines et sentences des philosophes illustres*, tomo I, p.43.

[36] Lacan. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: Lacan. *Autres écrits*, p.253.

[37] Cf. Milner. *L'oeuvre claire*. Paris: Editions du Seuil, 1995.

[38] Cf. Milner. *L'oeuvre claire*, cap. IV, p.117-158.

[39] Lacan. Encore, p.108. (N.T.: Versão portuguesa de M.D. Magno, p. 161.)

"fixão": "O não ensinável, eu o fiz matema de garantia da fixão da opinião verdadeira, fixão escrita com x, não sem o recurso do equívoco."[40] Não é impertinente nomear "doxa" esse não ensinável integralmente "fix(ion)ado". Milner conclui justamente que as turbulências institucionais da École Freudienne não surgem das discussões corriqueiras, mas do próprio saber lacaniano, e que dissolver a escola foi também, em certo momento, dissolver o matema. Em outras palavras, em idioma doxográfico, não existe anedota.

[40] Lacan. L'Étourdit. In: Lacan. *Autres écrits*, p.483.

Terceira questão relevante do ensino: o que é um mestre?

Em toda a doxografia, existe claramente uma oscilação entre uma presença real, Sócrates, por exemplo, evocado em sua indefectível singularidade, e, em seguida, um nome próprio, uma mera posição, cambiável com outras. Segundo Milner, temos assim a oposição entre antigüidade e modernidade, no que concerne à mestria. "Do mundo antigo ao universo moderno, a palavra de mestre subsiste, mas ao preço de uma homonímia. O mestre antigo era um mestre, enquanto termo, insubstituível. O mestre moderno não é assim porque ocupa uma posição em que ele é infinitamente substituível por todos os outros."[41] Estes seriam dois aspectos de Lacan: o Lacan do Seminário, sua presença de mestre para o discípulo, palavra, sabedoria, sabedoria / loucura mais-além do saber, e depois o mestre substituível, sujeito suposto (saber) em sua "posição" de mestre. ("Salomão, [...] um senti-mestre, um tipo do meu gênero."[42]) Mas a doxografia parece-me mostrar que o mestre antigo é também, ou desde sempre, caracterizado por essa oscilação entre uma presença, feita de singularidades anedóticas, significantes e mágicas, e uma posição funcional, substituível de seita a seita.

[41] Milner. *L'oeuvre claire*, p.125.

[42] Lacan. *Encore*, p.104 *apud* Milner. *L'oeuvre claire*, p.128.

Por fim, última questão de ensino: o que é ser membro de uma escola? Na École Freudienne, exatamente como na doxografia, constatamos uma oscilação, talvez mesmo uma negociação, entre seita e diádocos. Seita é o efeito Bourbaki de Lacan. "Que o nome Escola tenha sido escolhido de preferência ao nome Sociedade ou Instituto, está ligado [...] a um elemento não trivial da doutrina."[43] — efeito Bourbaki como virtude do anonimato intelectual coletivo. O que se passa em torno dos diádocos, pelo contrário, coloca em cena, como os tenentes de Alexandre, uma sucessão de nomes próprios e de narcisismos, que abrem os problemas envenenados de sucessão, no sentido mortífero do termo. Daí o jogo eminentemente doxográfico, explorado por Milner, entre esotérico e exotérico, entre o falado, o escrito e o transcrito.

[43] Milner. *L'oeuvre claire*, p.128.

Volto à última pista, ligada ao estatuto do fato e ao estatuto da verdade, tão maciça que servirá como pausa. A doxografia é o revelador da "diz-mensão" do fato, em seus dois aspectos complementarmente lacanóides. Por um lado, o fato é um *factum*, uma fabricação, uma ficção; por outro lado, essa ficção é discursiva, é um efeito de significante, e ela própria é significante, eficaz, produtora de efeitos.

"Encore" explicita, a propósito dos Evangelhos, que contam "a historieta, a historinha do Cristo", a história de um homem que se designou como o Filho do Homem:

> Esses aí escrevem de tal maneira que não há um só fato que não possa ser contestado — Deus sabe que naturalmente meteram os cornos contra o pano vermelho. Esses textos não vão, por isso, menos ao coração da verdade, a verdade como tal, mesmo inclusive o fato de eu enunciar que não se pode dizê-la senão pela metade. [...] enunciei que a verdade é a *diz-mensão*, a menção do dito. [...] Para minorizar a verdade como ela merece, é preciso ter entrado no discurso analítico.[44]

[44] N.T.: Na edição francesa, p. 97-98. Versão brasileira de M.D. Magno, p.145-147. Decidimos manter, na citação, a expressão "diz-mensão", em lugar da tradução de Magno, "diz-mansão", pois pensamos que ela reflete melhor o equívoco da expressão francesa "dit-mention".

A caixa de Pandora está aberta, mas é justamente uma caixa de Pandora

Última conjunção "doxalítica": a relação com a repetição, isto é, o fato de que se trata de aspas na "diz-mensão". Aqui serviria mais "A carta roubada", que insiste no triplo filtro subjetivo da narração — a narração pelo amigo de Dupin da narrativa do delegado que dá a conhecer a Dupin o relato que a rainha lhe fez. Estamos em Diels, *Doxographi Graeci*! "A carta roubada", puro significante, automatismo de repetição: "A verdade revela sua ordem de ficção."[45] "E o parênteses redobrado", Lacan insiste, "é fundamental. Nós o chamaremos aspas."[46] Lacan acrescenta que aqui "começa a se abrir a questão da transmissão da experiência analítica".[47] A meu ver, é assim que a doxografia trabalharia "A carta roubada".

Como transmitir? A resposta de um doxógrafo, amador de Lacan, ou de um lacaniano, amador da doxografia, é, portanto: por fixão.

[45] Lacan. *Écrits*, p.17.

[46] Lacan. *Écrits*, p.54.

[47] Lacan. *Écrits*, p.44.

Traduzido por Angela Lobo de Andrade
Revisão técnica: Elizabete Thamer

referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. *La vie de l'ésprit*. Paris: P.U.F., 1981.

BENVENISTE, Émile. *Vocabulaire des instituitions indo-européennes*. Paris: Minuit, 1970. Tomo II.

BOLLACK, J.; Wismann, H. *Héraclite ou la séparation*. Paris: Minuit, 1968.

DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: Walter de Gruyter, 1958.

DIELS, H.; Kranz, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Weidmann, 1996.

DUMONT, J.-P. *Les présocratiques*. Paris: Gallimard, 1988.

Enciclopédia Brasileira Mérito. São Paulo: Editora Mérito, 1957. v.4.

FLAUBERT, Gustave. *Bouvard et Pécuchet*. Paris/ Naples: Ed. A Cento, 1964.

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Editions du Seuil, 1966.

LACAN, J. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

LACAN, J. Encore. In: LACAN, J. *Le séminaire* – livre XX. Texte établi par J.-A. Miller. Paris: Editions du Seuil, 1975. (Mais, ainda. Versão portuguesa de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.)

LACAN, J. Conclusions. La transmission (II). *Lettres de l'Ecole*, Paris, n.25, v.II, p. 219-220, Congrès sur la Transmission, juin 1979.

LAËRCE, Diogène. *Vies, doctrines et sentences des philosophes illustres*. Traduction, notices et notes par Robert Genaille. Paris: Garnier-Flammarion, 1965. Tome I.

MILNER, J.-C. *L'oeuvre claire*. Paris: Seuil, 1995.

NIETZSCHE, F. *Le crépuscule des idoles*. Trad. H. Albert. Paris: Mercure de France, 1952.

NODIER, C. *Histoire du Roi de Bohème et de ses sept châteaux*. Paris: Plasma, 1979.

resumo

O presente artigo apresenta as origens gregas da "doxografia", relacionando-a à questão da transmissão da psicanálise. O interesse de Lacan com relação a esse tema assim como suas referências diretas a essa prática atestam a relevância dessa discussão.

abstract

This focus of this paper is the connection of the greek origins of doxography with the theme of transmission in psychoanalysis. The relevance of this issue can be verified not only in Lacan´s interest, but also in his direct references to such a practice.